ANO I.º — OVAR, 27 de Junho de 1920 — NUMERO 17

A DEFEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR E EDITOR—**Manoel Alves Correia** — ADMINISTRADOR—**Joaquim Correia Dias**

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

Assignatura
Continente e ilhas adjacentes, semestre... $75
« « « ano..... 1$50
Africa e Brazil « ..... 3$00

PROPRIEDADE DA EMPREZA
Composto e impressso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar

Anuncios
Primeira publicação, $10 centavos a linha. Repetições idem. Permanentes, contracto especial. Os srs. assinantes teem 25 p. c. de desconto.

Salvemo-nos!

O povo soffre e agonisa, havendo em muitos lares fôme e miseria. Nas cidades, nas villas e até nas aldeias mais sertanejas, notam-se assòmos de revolta, soltam-se imprecações hostis, gritos d'indignação e de protesto contra a carestia cada vez mais accentuada da vida, e contra a ganancia desmedida dos açambarcadores.

A honestidade desappareceu para ceder o logar ao roubo; os escandalos succedem-se ininterruptamente, desprestigiando o regimen d'uma maneira atroz e humilhante; a opinião publica céga e insensata dividida, esfacelada pelos diversos agrupamentos ou facções perdeu o seu valor e o seu prestigio de que tanto se orgulhava possùir nas ocasiões mais sérias e difficeis para a vida da nacionalidade; os effeitos da guerra, por sua vez, começam a sentir-se agora mais dolorosamente e dentro em breve, quando a Inglaterra, a nossa velha alliada, a rainha dos mares, o paiz dos nevoeiros, nos obrigar a pagar as despezas que fizemos com a expedição que enviamos aos campos da Flandres, a situação aggravar-se-ha terrivel e assustadoramente.

Como remediaremos o mal?

Volvamos sem delongas, os olhos para as nossas colonias. N'aquelles extensos e feracissimos kilometros de superficie está o nosso futuro, a vida e salvação de Portugal.

A campanha iniciada ha pouco tempo pelo «Diario de Noticias» vem de demonstrar com dados positivos, seguros, concludentes, que o nosso vastissimo império colonial, possue enormissimas riquezas que bem aproveitadas e exploradas, só por si bastariam para nos soccorrer n'esta grave e difficil hora que atravessamos.

O Estado, em face da attitude altamente patriotica d'aquelle jornal, não pode de fórma alguma ficar insensivel ou indifferente.

Necessita quanto antes de a secundar. O velho e archaico systema de a administração das nossas colonias, ser feita no Terreiro do Paço, tem de ser posto de parte, precisa de ser banido por improficuo e inadmissivel. Não se concebe que dominios tão longinquos estejam sujeitos a uma centralisação perigosa e quasi sempre de resultados negativos.

E' mister, acabar de vez com o ostracismo a que a mãe-patria os tem votado, e seguir a politica colonial adoptada pelas principaes potencias europeias, como sejam a França e a Inglaterra, visando fins beneficos e salutares. A protecção do Estado para com essas reliquias d'além-mar, tem de ser intensificada a sério e cuidadosamente.

Urge pôr em pratica, um plano de medidas que as façam sahir do marasmo e da indolencia em que se veem debatendo desde ha longos annos.

Portugal precisa de viver. E só com o auxilio d'esses padrões immorredouros que os nossos avós conquistaram á custa de tantos sacrificios e de tantas vidas, de tantos rasgos d'audacia e sublime heroicidade, é que poderá salvar-se!

Abatam-se n'este momento angustioso todas as bandeiras partidarias. Afastemos para longe ruins paixões e fermentos d'odios que nos trazem divididos; cedamos uma parcella da nossa dignidade e do nosso brio em prol do resurgimento d'uma confiança mutua; congreguemos os nossos esforços para que renasça mais bella e com mais fulgôr uma aurora de paz e de liberdade; unamo-nos todos em volta do lábaro sacrosanto da Patria que tantas vezes tremulou nas paragens longinquas da Asia, da Africa, da America e da Oceania e digamos ao mundo inteiro que a raça heroica dos portuguezes não quer morrer vergonhosamente sob uma escravidão indigna, sob um jugo ou dominação estrangeira. «E veremos então, todos ôs que temos uma esperança a illuminar-nos o coração, todos os que bem queremos a esta linda e amoravel terra portugueza, todos os que ainda sob os pés teem sensibilidade para sentir os estremeções d'agonia da terra sagrada em que nascemos, que a victoria será nossa.

Havemos de ver então se a alma d'Ourique e de Aljubarrota—a alma que tripulou tres esquifes, e desafiou o mar tenebroso, que levou as quinas a Calecut, que fez tremer Ormuz, que fez ajoelhar a India, que dominou Malaca, a alma que bramiu heroica nos bastiões de Diu, que relampagueou homerica no passo do Cambalão, e cahiu um momento dilacerada mas grande nos areaes d'Alcacer, não ha de resurgir, reviver, reflorir, resgatar-se dos passados erros sob um novo sol de paz, prosperidade e grandeza.»

Ainda se não gastaram as energias d'este tão abençoado rincão. Sacudamo-las do seu torpôr e n'um rasgo febril de patriotismo façamo-las, convergir para o altar sagrado da Patria, erguendo as tradições epicas que herdamos com os corações cheios de fé e esperança.

Acudamos á Patria em perigo, mas que fiquem para traz as malquerenças, os ódios, as retaliações, as inimizades, os rancores. Insuflemos-lhe vida e calor. Desviemo-la do precipicio em que está prestes a cahir e salvemo-la para salvarmos os nossos filhos do ferrete da ignominia e da deshonra, do stigma da escravidão e da infamia.

Ponhamos á frente dos nossos destinos um punhado de patriotas e que sejam ao mesmo tempo uma selecção de competencias.

E com a ajuda de Deus, do bom Deus que nós invocamos nas horas do perigo e do soffrimento, larguemos as velas ao vento da fé e a náu singrará veloz e ligeira, levando ao porto de felicidade o povo que agora soffre e se vê a braços com a mais afflictiva e degradante das miserias.

Incorrigiveis

A «Patria», apreciando a renuncia feita pelo sr. dr. João Pinheiro do seu logar de deputado, volta á linguagem de caserna, que parecia ter posto de lado.

Essa renuncia é comentada por estas palavras—heroi feito chatim. E isto por o sr. dr. Pinheiro ter sido nomeado secretario geral da Companhia do Niassa.

Que titulo merece aquele silvista, parlamentar da Figueira da Foz, não nos lembramos se deputado ou senador, que se valia do seu diploma para andar a adquirir pelo ministerio das subsistencias, o famoso ministerio, assucar e outros artigos para a sua sociedade comercial, sob o pretexto de que era para distribuir pelo povo, ganhando ou antes roubando assim fartos contos ou milhares de escudos?

Que titulo merecem aqueles deputados e senadores silvistas que andaram pelos ministerios a proteger aquelas negociatas escandalosas dos moageiros, que ao Estado ficaram com muitos contos?

Como concilia a «Patria» esses arranjistas com aquela sentença que toda a camara dos deputados aprovou e que ficou assente, como principio moral—que nenhum parlamentar devia fazer parte de empresas comerciaes onde se transacionassem generos distinados ás subsistencias?

A «Patria» é d'uma infelicidade pasmosa nas suas criticas... Quanto melhor lhe fôra estar calada.

O sr. dr. Pedro Chaves na «Patria»

Termina o sr. dr. Pedro Chaves o seu IV artigo por declarar que sabe um poucochinho mais do que muitos, e que se não meteu a apreciar um assunto sem o estudar.

Muito folgamos com estas declarações, que de forma alguma pômos em duvida. Discutir é com quem sabe, porque muito se aprende. Alguma coisa vamos lendo e de cada vez mais convencidos estamos d'aquele principio d'uma escola já antiga—«uma coisa sei, é que nada sei.»

Esperemos pois.

Publicaram os jornaes que n'um banquete oferecido na America aos jornalistas aliados, um dos mais antigos presidentes honorarios, terminou o seu discurso pela forma seguinte:

«Cada vez acredito mais no poder e na ação da imprensa, mas cada vez atento mais na sua responsabilidade perante o mundo e a historia. Não fujamos nunca á critica que vivifica, mas evitemos a picadela d'alfinete que envenena.»

E' para esta critica que vivifica, critica serena, ilustrada que nós temos chamado á discussão, que verdade seja, se vae elevando, e muito mais se elevará quando o nosso ilustre contendor passar á exposição cuidada dos seus estudos n'esta questão.

Ninguem extranhou que os actos d'um juiz sejam discutidos: está isso agora mesmo na ordem natural das coisas.

Nenhum cargo como o de juiz d'uma comarca levanta mais atritos, provoca tantas malquerenças. Se julga uma questão civel ha-de por força ferir um dos litigantes; o que perde a ação nunca aceitará de bom humor a sentença que o prejudicou. Se julga no crime ha-de concitar contra si a má vontade de todos os que condenar.

Mesmo o advogado, que pela sua ilustração, devia ser superior a preconceitos, nunca recebe serenamente a decisão dum pleito que é julgado desfavoravelmente ao seu constituinte, porque sempre está convencido de que a razão e o direito lhe assistem.

Esta situação especial e elevada, que um juiz ocupa, dá sempre logar a que sejam discutidos e apreciados os seus actos, quasi sempre com parcialidade e paixão.

Mas em outros tempos, quando a lei de imprensa reprimia a licença e os abusos, era raro que nos jornaes apparecessem criticas muitas vezes descabidas e sempre faciosas, apaixonadas.

Agora tudo mudou. A critica transformou-se em licença, em abuso, porque não se torna efetiva a responsabilidade.

Por isso tambem as criticas na imprensa, quando tomam este carater, nada representam, nada significam—não atingem sequer o magistrado que paira muito acima d'essas coisas minimas.

Não conhecemos as acusações do honesto e velho republicano dr. Jacinto Nunes contra o juiz de direito d'Olhão, e a que o sr. dr. Chaves se refere no seu artigo, que estamos discutindo.

Sejam quaes forem essas acusações hão-de revestir, por força, a forma corréta e digna que o dr. Jacinto Nunes põe sempre nos seus actos de politico e de escritor. Jacinto Nunes é um republicano austero, é um homem de principios, é um estudioso. E um homem assim nunca atacará um juiz, insultando o, procurando rebaixal-o pelo ataque pessoal.

Pode o juiz d'Olhão ser um magistrado com todos os defeitos, que o inhibam de exercer o alto logar que ocupa.

Sendo mesmo assim, o dr. Jacinto Nunes ha-de na imprensa ou no parlamento apresentar factos concretos, ha-de apreciar serenamente, embora severamente, esses factos á face dos principios legaes, para concluir contra o magistrado que acusa.

E' esta critica que vivifica, que convence, que dignifica, que corrige. Jacinto Nunes nunca empregará contra o magistrado que acusa a alfinetada que envenena e muito menos o doesto, que só a ele feriria.

O velho e honrado republicano sabe bem o que deve ao seu nome e ao seu passado grandioso, para se não deixar ir atraz de correntes faciosas e pouco dignas.

Dois factos aponta ainda o sr. dr. Pedro Chaves, que extranhamos ver no seu artigo.

O primeiro, o da Associação dos Sindicatos Operarios de Guimarães, representando ao ministro da Justiça, protestando contra o juiz d'aquela comarca por absolver todos o açambarcadores que por ele são julgados. E o segundo, o d'um advogado que depoz um facto incorreto.

Queremos crer que o sr. dr. Chaves só os trouxe á publicidade para apoiar as nossas afirmações. Porque não podemos admitir que o sr. dr. Pedro Chaves, um legalista, um conservador, aceite a intervenção de quaesquer sindicatos na interferencia dos julgamentos em processos crimes; e tenha, como bom ataque feito a um juiz, o procedimento do advogado que cita, que a ser verdade, duas vezes procedeu incorréta e abusivamente.

Temos para nós que já é demasiada a intervenção dos taes sindicatos operarios na administração publica—intervenção que por fraqueza e exploração dos politicos, só tem causado a desmoralisação e desorganisação dos serviços publicos; e quanto ao outro facto, a ninguem é permitido proceder incorretamente, seja sob que pretexto fôr.

Justificar o ataque apaixonado a um juiz com taes factos, não diz bem nos escritos assinados pelo sr. dr. Pedro Chaves.

—

Aparece-nos agora o V artigo do sr. dr. Chaves, que nenhum argumento novo acrescenta ao que a Camara mandou escrever na sua minuta de recurso para a Relação do Porto nos processos de transgressão, já julgados.

Vamos mostrar que ainda desta vez o nosso ilustre contendor foi infeliz—ou por que não quiz estudar o assunto, ou propositadamente quiz errar.

O unico ponto de direito que discute é o 4.º fundamento da sentença:

«se as taxas de licença a que se refere o n.º 5 do art. 108 do Codigo administrativo só podem ser as que a camara pode conceder.»

Vamos rétificando:—na sentença não se lê o n.º 5 do art. 108 do Cod. adm., mas o n.º 5 do art. 108 da Lei n.º 88.

Comentando aquele considerando da sentença, escreve o sr. dr. Chaves que dizendo aquele art.º que *«os impostos dirêtos são—5.º as taxas pelas licenças»*, falando a lei em licenças, que não restringe, não póde o juiz estabelecer só por si quaes as que a lei quiz ou não abranger, tanto mais que pela redação generica do numero se vê *que todos estão abrangidos*.

Este argumento, permita-nos o sr. dr. Chaves que digamos, não é de conselheiro Acacio, mas é de cabo de esquadra.

De modo que se a lei administrativa não restringisse as licenças, a camara podia exigir dos seus municipes toda a especie de licenças, como seria licença de poder transitar pela rua, licença para ir á missa, licença para... para tudo quanto aos vereadores désse na cabeça. Isto é um contrasenso, que ninguem toma a sério, incluindo o seu proprio inventor.

A sentença disse e muito bem que «as taxas referidas no n.º 5 do art. 108 só podem e devem aplicar-se áquelas licenças que ás camaras compete conceder».

Quer o sr. dr. Chaves saber quaes são? Dil-o o art. 94 da mesma Lei nos numeros 16, 37 e 38, art. 97, e, quanto ás comissões executivas, o n.º 1 do art. 102; e, fóra destas, aquelas que qualquer lei especial impunha. E a razão de tudo isto está em que, sendo a exigencia da licença uma restrição á liberdade industrial, só uma lei geral pode tornal-a obrigatoria—uma lei e não o capricho de quaesquer vereadores d'aldeia.

Ora ahi tem o sr. dr. Chaves como o discutido e um pouco achincalhado considerando da sentença tem a sua base legal e tão legal que quanto mais o sr. dr. Chaves o discute, tanto mais erra contra lei expressa.

Toda a gente comprende que uma camara só tem as atribuições que a lei lhe dá. Qual é a lei que concede ás camaras exigir licenças para o exercicio d'uma industria? Nenhuma lei ou decreto tal autorisa. Logo se a lei não autorisa a camara a exigir aquelas licenças, muito menos póde autorisal-a a tributar essas licenças.

Temos ainda muito que dizer do V artigo e do seu P. S.; mas Roma e Pavia não se fez n'um dia.

X.

E esta?!

Nas ultimas eleições praticaram-se irregularidades e cometteram se traficancias, que foi um louvar a Deus...

Vamos contar aos nossos leitores uma d'essas traficancias, para poderem avaliar de que força são os mandões ca do burgo.

Um cacique, trouxe no seu rebanho de eleitores, um que era, por signal, seu parente. Esse individuo não estava recenseado e por isso segundo a lei, não podia votar.

Querem saber, porém, o que succedeu?

O homemzinho votou—pasmae, ó gentes!!—e votou, depois do cacique ter allegado que se não estava recenseado n'aquella occasião, já tinha estado n'outros tempos!!!

Este cacique foi sempre um apaniguado do chefe monarchico, dr. Soares Pinto, e hoje está ás ordens, ou melhor, é um *fac-totum* dos democraticos indigenas, dos mesmos que teem apregoado e apregôam a cada passo, que não querem nada com monarchicos...

Tableau!!

Ameaças

Não podendo os mandões democraticos levar o povo, pela persuasão, a deixar-se esfolar pelas licenças ilegaes e abusivas, já condenadas pelos tribunaes e pelas leis, começam a ameaçar com a guarda republicana e vão dizendo—«as praças da Guarda Republicana exigirão a competente licença, levantando autos de transgressão a todos aqueles que não a apresentem».

Falam como se tivessem a Guarda Republicana no bolso, e ela e o digno Delegado da comarca fossem instrumentos cegos nas suas mãos.

Estamos certos de que tanto a Guarda como o sr. dr. Delegado hão-de ter a independencia suficiente para não servirem de instrumentos de persiganga nas mãos de quem quer que seja.

As anteriores posturas e as novas posturas sobre licenças, pois umas são a reprodução palavra a palavra das outras, estão julgadas já nulas pelos tribunaes.

Se levantado qualquer auto e enviado para juizo tiver egual julgamento aos antigos pelos tribunaes nem a Guarda nem o sr. dr. Delegado estarão por gosto a perseguir os municipes. Nem se prestarão ao papel de levantar dezenas de autos sem primeiro verem o que decidem os tribunaes. E isto é o que é justo.

Nós temos a certeza de que os mandões democraticos se enganam nos papeis que distribuem sem primeiro consultar os actores—nem todos se prestam ao papel de sabujos.

Hão-de engulir as licenças e o respétivo imposto, porque os tribunaes hão-de mais uma vez atirar para o lixo essas ilegaes e abusivas deliberações camararias; das quaes se não recorreu para os tribunaes administrativos, porque houve o cuidado de suspender a publicação das actas quando taes deliberações foram tomadas.

Confiam tanto na lei e no direito que lhes assiste e votam-as á capucha!...

As camaras republicanas nunca assim procederam.

O PROGRESSO SILVISTA

Não nos poderá informar a «Patria» quanto até hoje tem custado ao municipio a tal escola superior?

Aquele alto melhoramento, que está para ser cantado em prosa e verso pelo jornal silvista, nada custava ao municipio: com aquele brinde pagava o governo a defeza da republica feita em Ovar: era um dos grandes favores do ex-partido democratico, e por isso só barbaros se não prostravam de joelhos perante os nossos donos e senhores.

Isto diziam eles para encobrir o fim com que pediram a creação da tal coisa—que era dar de comer aos da camarilha e aos parasitas em que se apoiam.

A realidade é bem diferente.

A primeira bolada foi logo um chapéu dele para a compra da mobilia, que o municipio pagou, porque os parasitas precisavam de que a escola se abrisse, para começar a roer o pedaço, com aquela fome roaz, que todos conhecem.

Depois d'isso, vieram largas verbas votadas no orçamento da camara, porque as verbas gastas não chegavam.

E aquilo era de graça!... Deus nos livre de que o não fosse, pois que com tal andamento nem todas as receitas munipaes chegavam para tapar tal buraco.

Logo que a camara votou a compra do mobiliario d'aquela coisa—despesa a que o municipio não era obrigado — suspendeu-se a publicação das actas das sessões. Nota de quanto se tem votado para despesas da tal *coisa*, é que nunca appareceu.

E como consequencia toca a carregar os municipes com contribuições, de toda a qualidade e feitio, legaes e ilegaes: com multas a proposito de tudo—transformando as posturas n'uma mina inexgotavel para o cofre exhausto e para os fiscaes famintos.

E é tal o contentamento pelos beneficios da administração dos modernos silvistas, que o povo do concelho vae mandar fazer um *Te-Deum laudamus*, em acção de graças, para que Deus conserve o predominio de tal gente no poder.

Para que os contribuintes fiquem sem camisa não é preciso muito tempo.

E' que os silvistas, ex-democraticos, tiveram a habilidade de lançar sobre o povo do concelho um bando de sanguesugas, tão voraz, tão faminto e em tão grande numero, que quasi é impossivel aqui viver-se.

E estes homens ainda teem a audacia de dizer em letra redonda, que procuram realisar o progresso do concelho e o bem estar do povo.

O que eles procuram é cercar-se d'um bando de parasitas pensando em que essa tropa os ha-de salvar do trambolhão final.

Sacrificam o povo á malta que por ahi anda constantemente á caça das multas. Mas o povo ha-de ser vingado.

Melhoramentos democraticos

A «Patria», no ultimo numero, meteu em fileira muitos melhoramentos prestados pelos... democraticos ao concelho. Nos outros numeros passados vinham os melhoramentos.... democraticos por conta-gotas, um a um, muito puchados á fieira; agora appareceram todos como sardinha em barrica. O matadouro aperta-se contra a Misericordia: a luz ilectrica está aos encontrões á escola Superior das creadas a 75$00 por mez: a Guarda Republicana atira-se á folsa do Carregal e sem dôr á folsa da Ribeira e ás folsas lateraes que pertencem a particulares; e por ultimo vem a estrada de Pardilhó por onde começam a passear, como nos famosos campos Eliseos, *os amigos d'elés*, srs. Valente e Fidalgo.

Gastar d'uma vez este belo celeiro de delicioso assunto seria um crime. Guardamol-o a sete chaves, porque ahi temos com que desopilar o figado e mimoscar os leitores por muito e dilatado tempo.

Estes silvistas teem uma arte para dar assunto aos adversarios, que é um louvar ao Senhor. Se os argutos jornalistas da «Patria» não existissem, era preciso invental-os, porque, senão, acabavamos por não ter que escrever.

Agora só queremos deixar bem consignada uma coisa, e é:

que, falando-se da fundação da Misericordia d'Ovar, é uma injustiça brutal—é o unico termo que aqui se deve empregar—deixar esquecido, não se escrever, acima de tudo e a proposito de tudo, o nome do dr. Francisco Zagalo, *o fundador da Misericordia d'Ovar*.

Se não fossem os esforços inauditos, sobrehumanos do dr. Francisco Zagalo, nunca a Misericordia se fundaria.

Vieram depois outros, que a exploraram e estão explorando, abastardando a idea formosa d'esse bom filho d'Ovar, homem desinteressado, altruista, tão diferente dos parasitas, que agora por lá vemos.

Ahi fica o nosso protesto, como tributo ao fundador da Misericordia.

Devaneios...

Antonio

Encontro-me, desde que li a tua carta, sob uma extrema excitação de espirito que oxalá me não traia, pois é mister que esta carta, a ultima que de mim receberás, seja escrita com a maxima serenidade e ponderação.

As tuas palavras produziram-me a sensação confusa de uma vertigem, custando-me a crer que o teu nome, Antonio, firmasse semelhantes pensamentos.

Tu, de ordinario tão amavel, de um trato tão esmerado, atreveste agora a assacar sôbre mim o infame labéu de perjura, Antonio, e perjura... para com a memoria sacratissima de minha Mãe!!

Eu atraiçoei o juramento?!... E atraiçoei-o... miseravelmente!... dizes tu.

Eu invoquei a alma de minha Mãe para... mentir?!

E' bem verdade, Antonio, que a alma humana é um enigma indecifravel; quanto mais a perscrutamos, menos a conhecemos.

No teu desvario pareces haver olvidado já o passado; é, pois, necessario que eu t'o relembre!

Seja.

Não te recordas já daquela tarde de fins de Setembro (vai para 3 anos) em que eu e a minha Mãe por uma casualidade fomos deparar contigo estreitando nos braços a pobre da Rosalina, outra alma ingênua como a minha então era, a quem vilmente procuravas seduzir, prometendo-lhe (foi ela que depois mo contou) que serias só dela... quando tanta vez me havias feito igual juramento?!

Não te lembras já desse pôr do sol, á beira-mar, em que aquela pobre rapariga, iludida pelas tuas promessas, se te abandonava, inteiramente confiante no teu amor?!

Ah! como é dolorosa para a minha alma a recordação daquela tarde!...

Julguei que o meu coração se despedaçava no peito, que ia desfalecer.

Lembra-me vagamente de que nada mais vi, nem ouvi mais nada; parecia-me que as coisas se afastavam, que o sol desmaiava; sentia do coração fugir a esperança e a vida...

Não voltei a ver-te durante todo o resto de Setembro.

Regressei do Furadouro a minha casa. Passados dias adoecia minha Mãe repentinamente. Junto ao leito onde a pobre moribunda agonisava, exigiu ela de mim o juramento de que não seria tua...

O que então dentro de mim se passou!... Lutei comigo mesma: apertei o peito com as minhas mãos na ânsia de abafar o meu coração; esforcei-me por reentrar na minha verdadeira consciencia, por ver as coisas no seu verdadeiro aspecto, por julgar o teu procedimento com um juizo firme e calmo, mas em vão.

De balde me voltava para Deus—o meu supremo refugio nas horas de intensa amargura.

Não ousava erguer os olhos pa-

ra a minha Mãe, mas sentia-a imovel no seu leito de agonia, o olhar perscrutando-me na ância de uma resposta.

A morte avizinhava-se cada vez mais; e eu... esitava; não tomava uma decisão forte e leal; sentia-me pusilânime, perplexa entre o meu dever, o dever de respeitar a última vontade de uma moribunda, a última vontade da minha Mãe!, a minha dignidade que tu ultrajaras, e o... impulso do meu coração.

Sim, o impulso do meu coração, Antonio, porque eu amava-te ainda; amava-te apesar de tudo!...

Vê o que é o amor de uma mulher; o sacrificio heroico, a abnegação que há no frágil peito feminino e que vós tão mal apreciais.

Amava-te não obstante o teu procedimento vil, porque fôras o meu primeiro e único amôr, porque pela tua mão havia a minha alma pela primeira vez subido as colinas do ideal, e uma mulher quando ama verdadeiramente, nada mais vê que o seu amor.

Olhei para a minha Mãe; ela já não falava; extingaia-se-lhe no peito o último sôpro da vida; era quasi imperceptivel o pulsar do coração; os olhos, embaciados já, fitavam-se em mim numa última súplica...

E eu cedi! Jurei!

Era a minha Mãe... era a sua última vontade...

Passado tempo, um ano pouco mais ou menos, voltámos a encontrar-nos; tentei fugir, mas tu não o deixaste. De joelhos imploraste o meu perdão; mostraste-me o teu arrependimento, e as tuas palavras desciam-me ao coração como lágrimas de mel.

Num assomo de dôr molhaste-me as mãos com as tuas lágrimas.

Bem sabias o efeito que em nós, pobres raparigas sempre de espirito tão fraco, produzem as lágrimas do ente amado; e, talvez porque o sabias, choraste.

Aflicta, não me lembrando do juramento, vendo só a tua dôr,... perdoei-te; e ali mesmo, na taça dos teus olhos eu bebi as lágrimas do teu arrependimento, lágrimas que pareciam vir de uma fonte amargurada por uma dôr sincera.

As tuas palavras, as minhas censuras, os meus queixumes, os teus protestos, não foram por momentos mais que simples balbuciações abafadas pelos nossos beijos.

A piedade que nêsse momento me inspiravas, tudo me fês olvidar!

.....

Em minha casa, porém, livre da sugestão que a tua presença sempre em mim produz, veio a realidade lembrar-me o meu dever.

Esforcei-me por te esquecer.

Evitei sair, sempre que pude, para não voltar a encontrar-te. E, quando a tranquilidade parecia voltar á minha alma, veio a tua carta avivar o que eu julgava extinto para sempre!...

Não, Antonio; não pode ser!

Adeus.

Candida.

OS PASSOS DE OVAR

(Apontamentos)

Duas palavras

O que vai ler-se deve-se a um caso fortuito.

Fomos um dia, ha pouco ainda, á capela do Calvario em cata dum livro velho, ruido dos ratos, meio desconjuntado e enegrecido do pó e bolôr que viramos uma vez ao abandono em cima do arcaz da sacristia do norte. Nas suas primeiras paginas devisáramos então, sem lhe ligarmos grande importancia, uma lista de padres, ovarenses muito extensa que nos estava a interessar bastante.

Fômos por ela. A nossa curiosidade, porém, que já se não satisfazia só com a vista, do abandonado calhamaço que lá continuava coberto de pó e bolôr no seu conhecido poiso, levou-nos a rebuscar outros, a remexer, a procurar. O que então se nos deparou causou-nos a maior impressão de tristeza e depois a mais grata e inesperada surpresa.

Sob uma rima de armação de pinho a desfazer-se em caruncho, no lagêdo humido, semeados pelos cantos, por baixo e por detraz do gavetão dos paramentos e alfaias, de mistura com cisco abolorecido e escuro nada mais se via que velhos livros na mais completa desordem e despreso. Abertos a apodrecer de bôrco sobre o pavimento de entranhas esfarrapadas e enovelados voltados para o ar, descosidos, e rodilhados como farrapos imundos. Doeu-nos a vista daquela destruição miseranda de tantas páginas que ao primeiro relance denunciavam não serem mudas. Que diriam elas?

Fomo-los levantando, sacudindo, endireitando e empilhando depois, um a um sobre o pulverulento balcão; e começámos a decifrar os seus titulos. Eram cadernos sem capa para a cobrança dos anuaes da *Irmandade dos Passos* dispostos por logares, livros em meia encadernação para a inscrição de irmãos em diversas epocas, outros com capas de pergaminho para actas, conferencias, inventarios, memórias, contas, etc!... Estava-nos a interessar o achado e fomos abandando: *Livro de eleições da mesa 1686; Livro para contas da Irmandade dos Passos 1734; Livro de inventários, conferencias, escrituras, dividas, etc., etc., 1780*. Deviam ser curiosos. Mas aquilo precisava de disposição e tempo para se ver bem. Mandamo-los vir para nossa casa e aqui com todo o socego fômos abrindo e folheando, a principio por alto, mas com avidez, aquelas paginas venerandas e despresadas. Ao pé de laudas completamente perdidas, ilegiveis, trabalhadas pelo pó e humidade que as merujou e denegriu, de restos de folhas truncadas ou rôtas, que de informações interessantes que ninguem prèsava nem estimava! Não restava duvida: Era preciso ver aquilo bem. Merecia-o.

Recomeçámos então vagarosamente e com atenção o nosso exame. Lemos, decifrámos e fômos tomando apontamentos que nos foi possivel; juntámos, juntámos descosidas informações que iamos incansavelmente, persistentemente, laboriosamente, mas gostosamente arrancando aqueles destróços dum, por certo, riquissimo arquivo multisecular totalmente esc. lavrado e equiparado no conceito de tantas mêsas passadas a um montão de lixo! E só depois de exgotada a nossa paciencia de paleógrafo, de rebuscar todo o ouro sepulto nessa entulheira de garatujas e bolôres que o acaso nos fizera descobrir é que demos de mão á nossa curiosidade. E passamos logo a supesar e methodisar apontamentos para aquilatarmos bem do valor do nosso achado. Relêmos aquilo tudo, aproximámos informações e datas e vimos que para alguma coisa serviria o fruto da nossa despendida canceira.

Descobriramos que nesses apontamentos tirados a êsmo e agora cuidadosamente relacionados, palpitava a vida e um pouco da historia da confraria durante largo periodo da sua existencia; e desde logo concebemos a ideia de operarmos quanto possivel a ressurreição dessa historia e dessa vida. Parecia-nos que esses elementos colhidos, juntos a outros que possuimos e esperavamos ainda obter, eram mais que suficientes para reconstituir com segurança factos que não seria indiferente conhecer nos seus ignorados pormenores.

Concebêramos esse plano e tentámos realisa-lo no presente trabalho de coordenação de tantos elementos dispersos.

Oxalá os hajamos sabido aproveitar e dispôr de maneira que no espirito de quem nos lêr passe o cosmorama de tantas coisas curiosas, sepultadas ha muito no olvido e ainda ha pouco arrastadas no pó lixoso duma sacristia escusa e que um mero acaso nos fez chegar ás mãos.

M. Lirio.

Fizeram anos:

No dia 17, a gentil menina Alzira, filha do sr. João de Pinho Saramago.

No dia 19, a simpática menina Ilda Ferreira.

No dia 24, a menina Graça, filhinha do nosso amigo sr. José Ramos, ausente no Principe e a menina Semide, filha do sr. Antonio Soares da Fonseca.

No dia 25, o nosso amigo sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira, distinto advogado e notario n'esta comarca.

Fazem:

No dia 29, a menina Raquel, filha do sr. João Ferreira Lamarão e a menina Maria Edite, filha do sr. Manuel Rodrigues da Graça.

No dia 30, o nosso amigo sr. Eduardo de Sousa, inteligente empregado de escritorio da fabrica de conservas «A Varina».

As nossas felicitações.

=

No dia 26 revestiu-se de galas o lar do nosso amigo Augusto Abragão pela passagem do 1.º aniversario de sua filhinha Maria Alexandrina.

Noticiario

Nomeação

O nosso amigo e valioso correligionario sr. Americo Valente Compadre, acaba de ser nomeado solicitador para esta comarca, cargo que, atentas as suas qualidades de inteligencia e caracter, ha-de decerto exercer com brilho e honestidade.

Os nossos parabens.

Doentes

Guarda ha dias o leito bastante doente o nosso amigo sr. Antonio de Sousa Godinho.

— Tem tambem passado incomodado de saude a esposa do nosso amigo sr. João Gomes Silvestre.

Desejamos-lhes rapidas melhoras.

— Está já restabelecido do incomodo intestinal, que o reteve por alguns dias no leito o nosso querido amigo sr. Francisco Belo.

Estimamos deveras.

Batisado

No dia 25 batisou-se na egreja matriz um filhinho do nosso bom amigo sr. Gonçalo Ferreira Dias, recebendo o nome de Antonio Augusto.

Foram padrinhos o sr. Augusto Rodrigues Perfeito e sua ex.ma esposa D. Isolete Coelho Perfeito

Partidas e chegadas

Retirou ha dias para Oliveira de Azemeis, para onde foi transferido, o nosso presado amigo sr. Antonio Corte Real, que durante alguns anos exerceu n'esta vila com bastante zelo e rectidão o cargo de secretario de finanças.

— Partiu para Benguela—Africa Ocidental—o nosso amigo sr. José Maria Lopes.

Que a fortuna o bafeje são os nossos desejos.

— Com demora de alguns mezes, encontram-se n'esta vila, os nossos simpáticos conterraneos e amigos srs. João e Luiz Gomes, activos e conceituados comerciantes na cidade de Manáus.

— Do Rio de Janeiro regressou tambem ha dias, um pouco abalado de saude, o nosso conterraneo sr. Manuel de Pinho Valente.

— Encontra-se entre nós, com demora de alguns dias, o nosso presado amigo sr. Gonçalo Ferreira Dias, bemquisto comerciante na capital.

Festas e romarias

Foi imensamente concorrida a festividade a São João que no pitoresco local do mesmo nome se realisou nos dias 24 e 25 do corrente.

Tambem n'algumas ruas da vila se festejou ruidosamente o santo precursor, dançando e cantando até altas horas da madrugada ranchos de simpáticas tricaninhas.

—

No proximo domingo realisa-se na nossa egreja matriz a festividade do Coração de Jesus, constando de missa solemne, vesperas, sermão e procissão. No mesmo dia tem logar tambem a tocante cerimonia da 1.ª comunhão.

Reunião do professorado primario oficial do concelho d'Ovar

Reuniu na terça-feira passada, 22, numa das salas da escola «Conde de Ferreira» o professorado oficial deste concelho afim de tratarem da reorganisação do *Nucleo Escolar* do concelho, que, por falta de cumprimento dos Estatutos, tinha virtualmente desaparecido.

Após ligeira discussão, foi resolvido eleger novos corpos gerentes que ficaram assim constituidos:

Assembleia geral—Presidente, D. Aurelia Aurora Duarte Silva.

Vice-presidente—Francisco Maria Soares.

Secretarios—D. Inocencia de Jesus e Silva e D. Rosa Maria Gomes.

Direcção geral—Presidente, Antonio Augusto Correia Baptista.

Vice-presidente, José Teixeira da Costa.

Tesoureiro, D. Palmira Freire de Liz.

1.º Secretario, Manoel José Patricio.

2.º Secretario, D. Amelia Leonarda de Souza.

Vogaes—D. Idalinda Augusta da Costa Grijó e Manoel de Pinho Moreira.

Foi mais resolvido enviar um telegrama de protesto á Camara dos Deputados contra o projecto de lei que marca os tempos lectivos, da autoria do sr. ministro da instrução demissionario e bem assim manifestar ao Gremio dos professores oficiaes de Lisboa a nossa adesão em prol da campanha agora encetada e o nosso reconhecimento pela acção que desenvolveu junto da grande comissão de equiparação de vencimentos.

A Direcção do Nucleo resolveu na sua 1.ª reunião que se realisou na sexta-feira, federar-se no C. C. U. P. e reorganisar em bases sólidas e duradouras a Biblioteca Pedagogica que conta já mais de 2.000 volumes.

Para isso, vai dirigir-se a todas as pessoas de Ovar, e especialmente áquelas que foram os grandes benemeritos da Beneficencia Escolar de Ovar, conseguindo arranjar uma biblioteca magnifica.

EDITAL

Instrucção Militar Preparatoria

João Henrique Alcantara Albuquerque e Castro, alferes do regimento de infantaria n.º 24 e instructor do Nucleo de Ovar.

Faço saber que por esta são intimados todos os mancebos dos 17 aos 20 anos, residentes nesta freguezia e que não teem comparecido á instrução ministrada no quartel do 3.º Batalhão de infantaria n.º 24, a fazerem a sua apresentação no referido quartel no dia 27 pelas 8 horas, sob pena de procedimento nos termos do n.º 6 do artigo 7 do R. D. da I. M. P.

Todos os mancebos que não efectuarem a sua apresentação e que continuem no proseguimento de faltas, serão capturados e os que não forem encontrados serão propostos para a obrigação ao tempo de serviço de um ano no efectivo caso não efectuem a sua apresentação até serem chamados ao serviço activo nos termos do n.º 8 do artigo 7.º § 7.º do mesmo artigo e artigo numero 10 do R. D. da I. M. P.

Quartel de Ovar, 22 de Junho de 1920.

O Instructor

João Albuquerque e Castro

Alferes

AVIZ

Companhia Reseguradora Portugueza

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA — CAPITAL---1.000:000$00 ESCUDOS

Autorisada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º LISBOA
Endereço telegrafico *VIZA-LISBOA*
Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129 PORTO
Endereço telegrafico *PORTIVIZA*
Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPANHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e maritimos, agricolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva

---

QUIOSQUE—TABACARIA Praça da Republica —OVAR—

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionaes e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de côr para calçado, bolsas de borracha para tabaco e muitos outros artigos.

Atlántica

Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000$00
Capital realisado (Escudos) 150.000$000
Fundo de reserva (Escudos) 150.000$00

Sède: Loios, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601$41
» de 1915 » ...	71.197$29,5	» » em 1915—	25.903$15
» de 1916 » ...	537.897$94,3	» » em 1916—	153.470$90
» de 1917 » ...	3.139:404$23	» » em 1917—	1.427:035$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.
Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos. Seguros agricolas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourao | Directores
Jaime de Sousa | delegados

gentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portos do mundo

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depositos á ordem, com o juro de 2 1|2 °|o e 3 1|2 °|o.

Depositos a prazo, com o juro de 3 1|2 °|o, 4 °|o e 4 1|2 °|o, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 °|o ao ano.

Emprestimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

Mindelo

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima responsabilidade Limitada

Capital Esc. 600.000$00

Efetua seguros contra incendios, maritimos, terrestres, de vida, roubo, ceáras, acidentes de trabalho, etc., etc.

SÉDE EM LISBOA—Rua Nova do Almada, 80.
DELEGAÇÃO NO PORTO—Rua Sá da Bandeira, 222-1.º

AGENTE EM OVAR:

Manoel d'Oliveira Paulino

RUA DR. JOSÉ FALCÃO, 22 a 26